

ADOLESCÊNCIA E IDENTIDADE: A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ATRAVÉS DA EXTENSÃO

Eixo 2. Incorporación curricular de La extensión

Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul – Brasil

Email: mari_rm_@hotmail.com

MORAIS, M. R. de ¹

BOSSI, T. J. ²

ARDANS, H.O. ³

Resumo

A adolescência é um momento do desenvolvimento humano importante, onde o adolescente, no processo de configuração de identidade, passa pelas crises de definir escolhas dentro do mundo, marcado por dúvidas e incertezas. Com essa compreensão, o Laboratório de Psicologia Socioambiental da Universidade Federal de Santa Maria, a convite da Prefeitura Municipal de Jaguari, nos anos de 2009 e 2010 desenvolveu atividades de extensão junto a estudantes de escolas públicas da cidade. As oficinas, intituladas “Oficinas de Identidade”, tiveram como objetivo principal proporcionar discussões em grupo referentes às identidades dos adolescentes e sua relação com o ambiente onde vivem, bem como com as possibilidades e perspectivas de futuro ligadas ao “mundo adulto” como o estudo e o trabalho. Como resultados, as oficinas proporcionaram para os adolescentes um espaço de fala e escuta em que eles eram os personagens principais. Ainda, contribui aos acadêmicos na medida em que proporcionou contato direto com aqueles para os quais o trabalho do psicólogo deve responder com qualidade.

Palavras-chave: Adolescência; construção de identidade; Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é entendida como um momento de crise normativa do desenvolvimento humano em que mudanças importantes se processam a nível biopsicossocial. É também um momento ambíguo, de aquisições e perdas, onde o adolescente vivencia a angústia de não estar nem na infância, nem na idade adulta. Além disso, frente a uma mudança corporal muitas vezes brusca, o sujeito encontra-se diante de um corpo que é seu, mas que ao mesmo tempo lhe é estranho (RAPPAPORT, FIORI; DAVIS, 1982). O sentimento de não estar totalmente em lugar algum, ou estar deslocado

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS/BR.

² Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/RS/BR.

³ Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS/BR.

em toda a parte muitas vezes é sentido como uma experiência desconfortante e perturbadora (BAUMAN, 2005).

Nessa etapa, segundo Erikson (1968/1972) a tarefa mais importante de ser elaborada relaciona-se ao conflito básico denominado “identidade versus confusão de identidade”. Nesse conflito, o adolescente precisa integrar as fases anteriores de seu desenvolvimento, como o luto pelo corpo e pais da infância; bem como integrar as fases que ainda estão por vir, como as exigências impostas ao mundo adulto. O ideal é que, nesse conflito básico, ocorra à estruturação de uma identidade mais coesa, possibilitando, assim, que surja na adolescência uma primeira concepção de “unidade de personalidade”, que define a identidade adulta. Para este autor a identidade pressupõe três áreas básicas, quais sejam: a identidade sexual, onde há a definição genital de seu papel; a profissional, a qual proporciona ao indivíduo a capacidade de sentir-se membro ativo e produtivo em um determinado grupo; e a ideológica, na qual o adolescente que se encontra em constante reconstrução interna vive também reconstruções no mundo e deve posicionar-se (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1982).

Várias áreas do conhecimento se dedicam a estudar questões que envolvem identidade, como a antropologia, sociologia e psicologia (CIAMPA, 1994). A psicologia se insere nesses estudos buscando contribuir no desenvolvimento e qualificação de trabalhos profissionais que envolvam jovens adolescentes e na compreensão dos “problemas” sociais que envolvem a juventude (BOCK, 2007).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o adolescente no seu processo de configuração de identidade passa pelas crises de definir escolhas dentro do mundo, e por isso este é um momento marcado por dúvidas e incertezas (RAPPAPORT, FIORI; DAVIS, 1982). O processo de configuração de identidade é considerada como a tarefa mais importante da fase da adolescência por ser esse um momento crucial para o adolescente transformar-se em adulto produtivo e maduro (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Nesse sentido, é interessante perceber que existem várias combinações que configuram uma identidade, que em si guardam contradições, multiplicidades e modificações, mas que totalizam uma unicidade. Quando estamos em busca de identidade, nos vemos em uma tarefa sempre intimidadora de “alcançar o impossível”, isso porque esta é uma tarefa que não se pode realizar em “tempo real”, mas na plenitude do tempo, na infinitude (BAUMAN, 2005).

Para Bauman (2005), a identidade é uma tarefa a ser realizada constantemente, nunca se cessa, como um monte de problemas, e não como uma campanha de tema único.

Podemos entender que pensar a identidade não se constitui em uma tarefa que diga respeito somente a fase da adolescência, mas construída e pensada durante toda a vida, como bem coloca Erikson (1968/1972) ao abordar o desenvolvimento da identidade desde o nascimento até a morte. Dessa forma, pensar em identidade implica perceber que ela não é algo pronto, dado, a ser descoberto, revelado. É sim produto de certo esforço, devendo ser inventada, através de escolhas. É algo que lutamos para proteger, mas que ainda assim guarda em si uma condição precária, a verdade de que sempre será inconclusa (BAUMAN, 2005).

O entendimento da adolescência como uma etapa de crise normativa do desenvolvimento possibilita pensar como “normal” os dilemas vivenciados pelos jovens. No entanto, é relevante destacar que, não é por ser “normal” que essa crise não possa ser escutada e considerada em sua singularidade.

Com essa compreensão o Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenções-LAPSI do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM, a convite da Prefeitura Municipal de Jaguari, RS, Br, nos anos de 2009 e 2010 desenvolveu atividades de extensão junto a estudantes de escolas públicas da cidade mencionada.

Inicialmente, em 2009, as oficinas de identidade tiveram como proposta realizar encontros com estudantes de graduação da UFSM/RS/Br para trabalhar questões que envolvessem a identidade, tais como dúvidas e incertezas vinculada a futuro profissional e escolha do curso acadêmico. Nessa modalidade, as atividades foram enquadradas como estágio curricular para alguns alunos e extra-curricular para outros, e contaram com o apoio da PRAE-UFSM (Pró-reitoria de Assuntos Estudantis).

Com a repercussão da divulgação dos grupos que estavam sendo desenvolvidos, a Secretaria de Educação de Jaguari (município próximo de Santa Maria) convidou o LAPSI-UFSM para realizar as oficinas com alunos pré-adolescentes e adolescentes, de escolas municipais e estaduais. As atividades ocuparam um sábado por mês no horário das 9 às 12 horas durante os meses de setembro a dezembro de 2009, com alta adesão dos adolescentes (aproximadamente 60). Ao fim do ano letivo, a prefeitura refez o convite para retomarmos as atividades em 2010. Neste ano, as oficinas de identidade passaram para a modalidade de projeto de extensão.

2. OBJETIVOS

Tais oficinas tiveram por objetivo proporcionar discussões em grupo referentes às identidades dos adolescentes, buscando temas relacionados às possibilidades e perspectivas de futuro ligadas ao “mundo adulto” como o estudo e o trabalho. Ainda buscou compreender os determinantes socioambientais na constituição da identidade dos adolescentes, bem como estimular nos jovens participantes potencialidades que visem sua qualidade de vida e bem-estar.

3. METODOLOGIA

Através de reuniões do grupo LAPSI, pensou-se em um cronograma a ser desenvolvido para a realização das oficinas durante os anos de 2009 e 2010. Houve, inicialmente, um período pré-inscrição, no qual os acadêmicos de psicologia apresentaram o projeto às escolas do município. Foram disponibilizadas 50 vagas para alunos da 8ª série de ensino fundamental e ensino médio. As oficinas aconteceram de setembro a dezembro de 2009, com periodicidade mensal, bem como de junho a abril, e agosto a novembro de 2010 com periodicidade quinzenal. Todos os encontros ocorreram aos sábados, com duração de três horas, (9h às 12h) incluindo intervalo de 20 minutos.

Os encontros foram organizados com base em atividades “disparadoras” de discussões, tendo sido elas levadas pelos extensionistas. Objetivava-se, assim, que cada adolescente trouxesse sobre as suas vivências adolescentes, principalmente questões relativas ao “quem eu sou” e ao “quem eu quero ser”. Utilizamos como elementos “disparadores” músicas, textos, filmes, cartazes e principalmente, foram propostas atividades que envolviam produções dos adolescentes, como fantoches, maquetes e textos (histórias e poesias).

A apresentação das dinâmicas não se configurava como uma atividade obrigatória para os adolescentes. Tinha-se simplesmente a intenção de colocar um estímulo que incentivasse cada um dos participantes a se expor dentro do grupo, e no mesmo interagir.

Os grupos desenvolvidos foram mediados por dois a três acadêmicos de Psicologia/UFSM, dos quais sempre um destes estavam nos últimos semestres do curso, já tendo iniciado experiência em estágio. Cada acadêmico envolvido nas atividades desenvolvia um relatório de cada encontro, relatando o que havia ocorrido e sentimentos que surgiram durante o encontro. Paralelamente as oficinas, foram feitos encontros de supervisão e estudos no grupo LAPSI, semanalmente, com duração de aproximadamente uma hora, contando com a participação de três psicólogos como supervisores. ~~com duas psicólogas e um psicólogo.~~

Com base nisso, apresentaremos alguns dos resultados das oficinas desenvolvidas em 2009 e 2010, enfocando algumas dinâmicas realizadas com os adolescentes pelas duas primeiras autoras, de modo independente, e pensando-as a partir de autores que compreendem a identidade enquanto uma construção social e histórica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O contato inicial: quem é você?

Como atividade inicial, tendo o objetivo possibilitar a apresentação dos participantes do grupo e, já iniciar discussões a respeito de identidade, propomos como dinâmica um questionário com perguntas que foram respondidas em duplas. Após esse momento inicial, cada dupla se apresentaria ao grupo, de modo que cada integrante da dupla apresentava seu companheiro e vice-versa. O questionário continha questões que buscavam focar a pergunta “Quem é você?”. De acordo com Ciampa(1994), quando nos questionamos “quem sou eu?” estamos pesquisando sobre a nossa identidade. Nesse sentido, este momento possibilitou que os adolescentes falassem a respeito de si, pensando sua identidade em relação a família, relacionamentos amorosos, com colegas e amigos, na escola e projetos para o futuro.

Os adolescentes se colocaram como vivendo papéis sociais, como ser adolescente, ser estudante, ser filho, ser namorado ou “ficante”, ser amigo, ser menino ou menina, e principalmente, ser criança ou adulto. Esse encontro permitiu entender a afirmação de Ciampa (1994) de que “A identidade do outro reflete na minha e a minha na dele” (p.59). O senso de identidade é produzido, assim, através do reconhecimento recíproco do sujeito dentro do grupo social do qual faz parte, no qual partilham uma história, tradições, normas, valores. Foi também pensando a partir do outro que os estudantes foram se situando como sujeitos, que em diferentes momentos se colocavam de forma diferente, provocando por ora confusões, mas que se integravam em uma totalidade.

Faça a sua história

Outras atividades foram desenvolvidas a partir do movimento e interesse do grupo. Destacamos, dentre elas, a atividade que chamamos de “dinâmica da construção de história”. Tal dinâmica consistiu na apresentação de parte de uma história que abordava sobre um jovem que adentrava a adolescência. A partir dessa apresentação inicial da

história os participantes do grupo poderiam construir o restante da história da personagem, construindo, assim, uma narrativa.

O grupo construiu uma história de um menino que começava a sua vida escolar com alguns problemas de comportamento. No início ele era “horrrível e sapeca, muito sapeca” e por isso não permanecia nas escolas. Num segundo momento, algo aconteceu que ocorreu uma mudança, e o aluno passou a ser estudioso, que orgulhava os pais e que tinha muitos amigos.

A atividade proporcionou que os adolescentes se colocassem a partir do personagem, e que pudessem fazer aproximações da história construída por eles com sua própria história. Como o personagem, os adolescentes também se sentiam em um momento de mudança, com escolhas e decisões importantes a serem feitas.

Construa o seu personagem

Outra dinâmica interessante, e a que produziu maiores efeitos no grupo de adolescentes foi a que denominamos de “construção de um personagem”. Nessa atividade, disponibilizamos diversos materiais como folhas, cartolinas, canetas, tecidos, meias e lã coloridas, canetões, lápis de cor, tinta, lantejoulas, entre outros, que cada adolescente poderia utilizar para construir uma espécie de um fantoche ou boneco. Cada um, do seu jeito, dedicou-se a fazer seu personagem e adorná-lo da maneira que desejassem.

Como resultado da dinâmica exposta, o grupo se surpreendeu com as formas tão diferentes que cada um fez o seu personagem. Em seguida, em grupo, foi construída uma história para cada personagem, enfocando os gostos de cada um, os seus sentimentos, a percepção de si e dos outros, dentre outros. Este foi um momento em que o grupo interagiu bastante, sendo que não falaram somente do seu personagem, mas se envolviam e construíam também a história do personagem do outro.

Lembramos aqui que, de acordo com CIAMPA (1994, p60) “Todos nós – eu, você, as pessoas com quem convivemos – somos as personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo”. Na dinâmica da construção do personagem foi possível que o grupo pensasse a respeito do personagem que havia construído, mas também na sua autoria. Ainda, cada um pode refletir sobre sua relação com o personagem criado, no que se identificavam e não identificavam.

Construa a sua cidade

Outra dinâmica proposta a um dos grupos referiu-se a construção de uma maquete da cidade. O objetivo era investigar como os adolescentes percebiam o ambiente em que

viviam e de que forma essa percepção estruturava suas identidades. Fraga (2000) destaca que o espaço urbano possui uma diversidade de lugares que são visualizados de formas diferentes dependendo da posição que ocupa o sujeito no ambiente. Tal atividade permitiu conhecer qual era a posição daqueles adolescentes no seu espaço.

Nesse encontro, compareceram apenas estudantes de uma escola rural do município, e eles tiveram a necessidade de mostrar a real distância de suas casas em relação à cidade, fato que colocou a eles a necessidade de muito papel para a produção da maquete. Também, nesse contexto, eles mostraram a distância que precisavam percorrer para chegar à escola, sendo essa revelada como muito importante na vida daqueles adolescentes. A escola era para eles a possibilidade de sair da vida rural e, conseqüentemente, sair da situação de grandes necessidades financeiras. Pode-se destacar que a escola aparece como importante na formação da identidade adolescente, já que é no ambiente escolar que são passados e reproduzidos aos alunos conhecimentos e valores da nossa sociedade e, dessa forma, constituintes da identidade (MORAES, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de fala e escuta oferecido aos adolescentes permitiu ser dado o primeiro passo nas discussões referentes à identidade adolescente e nas angústias vivenciadas como conseqüência das exigências do mundo adulto que se aproxima. Todos os adolescentes tiveram a oportunidade de expor seus anseios sem receio de serem criticados ou julgados, permitindo assim a colocação de seus conflitos e sonhos. Os grupos tiveram boa freqüência e apresentaram resultados satisfatórios, por terem representado aos adolescentes um espaço em que eles eram os protagonistas.-

Destaca-se que o trabalho com os adolescentes também contribui na formação teórico-prática dos acadêmicos que puderam vivenciar e mediar os encontros com os grupos. Além disso, como destacado neste trabalho, sendo a identidade uma tarefa que constantemente nos deparamos, entendemos que o trabalho com os adolescentes e os encontros de supervisão e leitura do LAPSI também funcionou como um momento para a equipe envolvida pensar nas próprias escolhas e caminhos de construção da identidade, como estudantes, jovens, e (futuros) terapeutas.

Com tudo isso, pode-se afirmar que o diálogo entre adolescência e identidade se mostrou rico através do trabalho proposto, não só para os participantes, mas também para os extensionistas que aprenderam o valor de um trabalho que vai para além das paredes da

universidade, e mantém contato direto com aqueles para os quais o trabalho do psicólogo deve responder com qualidade.

6. REFERENCIAS

ARDANS, H. O. **Projeto de Extensão “Oficinas sobre Identidade na Adolescência”**. Santa Maria: [s.n.] 2010. Projeto de Extensão- Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas - Departamento de Psicologia; 2010.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. In Psicologia, escola e educacional, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./jun, 2007.

CIAMPA, A.C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. 3ª ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense S.A, 1985.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 1, Apr. 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100012&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Aug. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.

ERIKSON, E. H. (1968) **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FRAGA, A.B. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. **Psicologia do Desenvolvimento – vol. 4 A idade escolar e a adolescência.** São Paulo: EPU, 1982.

MORAES, L.S. **Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. Transformações em Psicologia.** São Paulo, v.2, n.1, p.86-98, 2009.